



Ferreirinha e o país

Na época em que estudava Engenharia Mecânica, a disciplina Materiais de Construção era ministrada por um PhD que havia inventado uma maneira divertida de medir a viabilidade de qualquer organização: o Índice Ferreirinha, batizado assim em homenagem a um professor que esse PhD admirava. O Índice Ferreirinha era obtido pelo número total de engenheiros de uma determinada área dividido pelo total de integrantes dessa área (ou do Conselho). Toda vez que o índice ficasse abaixo de 0,4, ou seja, toda vez que a organização apresentasse menos de 40% de engenheiros em seus quadros, o fracasso era certo.

O Índice Ferreirinha era, é claro, uma blague. Mas expressava uma crença arraigada nas grandes corporações. Crença que, apesar das inúmeras transformações que o mercado experimentou desde a minha época de estudante (e isso já faz tempo...), ainda persiste: executivos formados em ciências exatas são melhores do que os outros. Eles são capazes de transformar problemas em números e, assim, equacioná-los.

A questão é que os modelos matemáticos, alicerces dos cursos de engenharia e finanças, funcionam muito bem quando se trata de medir processos industriais, por exemplo. Mas são insuficientes para dar conta de situações complexas, que, além dos números, são influenciadas pelas forças, pesos e contrapesos da sociedade, pelas emoções e desejos da população, como é o caso da economia.

Ferreirinha diria que não, que a economia só tem sentido a partir de formulações matemáticas. Tudo o mais é discurso, coisa de esquerdista. Essa, a grosso modo, é a posição neoliberal. Hegemônica nas últimas três décadas do século 20, teve seu auge nos governos Reagan, Thatcher e no Consenso de Washington, que foi a base para a ação dos organismos multilaterais (FMI e BID) durante um bom tempo. E é, pelo menos em teoria, o farol a guiar a atual equipe econômica.

Para nos despertar da ilusão de que a economia é uma ciência exata, Dani Rodrik, professor em Harvard, diz que a resposta certa a qualquer pergunta sobre política econômica é: “depende”. Isso ficou claro na crise dos mercados financeiros, em 2008. A recuperação da economia mundial, na época, não teve nada de neoliberal.

O que vemos nos últimos anos é o Brasil preso à ratoei-

ra do baixo crescimento. Nos últimos dez anos a nossa economia vem andando de lado, o PIB encolheu e o horizonte à frente é preocupante, para dizer o mínimo: descontrole inflacionário, desemprego em níveis alarmantes, desvalorização cambial, recessão.

Para reverter tal quadro é necessário competência, muito trabalho e uma dose não menor de bom senso, atributos que andam rarefeitos pelos lados do Planalto. Sim, precisamos de governo, porque está claro que o mercado sozinho não vai nos resgatar desse atoleiro – apesar do discurso liberal.

O governo deveria propor ações anticíclicas, fomentar uma política econômica capaz de impulsionar as forças produtivas do país. Vivemos um processo acelerado de desindustrialização. O Brasil está se tornando um mero exportador de commodities. Sem uma indústria forte não vamos crescer, não teremos como dar emprego ao exército cada vez maior de desocupados, não teremos protagonismo no mercado globalizado, não quebraremos a maldição da eterna promessa que jamais se ergue do seu berço esplêndido.

Não nos enganemos. Noventa por cento das vezes em que os veículos de comunicação se referem à opinião “do mercado”, o porta-voz representa fundos, bancos ou algum agente financeiro. Para essa turma apenas uma coisa importa: que o governo continue pagando, e bem, os títulos públicos. Representam os interesses dos detentores do capital financeiro, que buscam lucro, o “rent seeking”, sem se preocupar com o que acontece nas ruas.

Sim, o governo precisa agir com responsabilidade fiscal. Sim, precisa gastar com eficiência e não sob o manto das misteriosas e bilionárias emendas do relator. Estamos todos de acordo. Mas precisamos escapar também da discussão falaciosa do teto de gastos, uma boa intenção mas pessimamente implementada. Temas como o futuro da indústria, a superação da pobreza, a valorização do trabalho, precisam voltar à pauta nacional e não serem vistos como consequência automática da “vontade do mercado”.

O grau de democracia do país pode ser medido pela capacidade de seus dirigentes equacionarem tais questões. Ferreirinha talvez dissesse que o problema não é com ele. Verdade. Não tem a ver com só ele, mas com todos nós. 🇧🇷

MILTON REGO

é engenheiro mecânico, tem 40 anos de trabalho no setor industrial no Brasil e no exterior
E-mail: miltonfrego@gmail.com